

observa. E' preciso que êle se torne capaz de constantemente realizar análise e síntese.

"Tal sagacidade, agudeza de percepção, precisão e ao mesmo tempo rapidez de raciocínio, capacidade de aprender o conjunto sem perder-se na multidão dos dados coligidos, tôdas essas qualidades só se adquirem mediante longo treinamento, no único laboratório de que dispõe o geógrafo — a natureza.

"E' certo que o geógrafo precisa de uma sólida base em uma série de ciências especializadas: geologia, hidrologia, meteorologia, botânica, zoologia, demografia, economia e outras mais; precisa ainda ler muito, sobretudo as obras dos grandes mestres da Geografia. Mas é somente no campo, praticando constantemente a observação, sob a direção de mestres de grande experiência, que êle pode chegar um dia a merecer o qualificativo de geógrafo".

Essa é a razão por que consideramos sempre a Divisão uma escola. Todos nós nos consideramos sempre estudantes em treinamento constante. Por isso, muitos funcionários têm sido enviados para o estrangeiro, aproveitando bôlsas de estudos, concedidas, quer pela França, quer pelos Estados Unidos, quer pelo Canadá.

Por outro lado, tem sido providenciada a vinda de professôres estrangeiros, dentre os quais cito os professôres RUELLAN e WAIBEL, que mais tempo têm permanecido entre nós, e cuja atuação teve como resultado o aperfeiçoamento de novos geógrafos, muito jovens ainda, mas com certa experiência, graças à direção de seus grandes mestres.

Além disso, há sempre, entre nós, os chamados seminários de estudo, que têm uma função muito importante, de estimular o espírito de pesquisa.

8. *O desenvolvimento dos estudos geográficos no Brasil.*

Para um país imenso como o Brasil, com as dimensões de um continente, será impos-

sível o conhecimento satisfatório das suas realidades geográficas, se contar apenas com serviços federais. E' necessário que em cada unidade da Federação exista um grupo de geógrafos militantes que dediquem sua vida profissional ao estudo da Geografia local, perfeitamente identificados com os problemas regionais.

Daí a necessidade de criar-se, em cada Departamento Regional de Geografia, uma Secção de Estudos Geográficos. Não basta, entretanto, que se criem novos órgãos do serviço público. Todo o êxito da obra dependerá do pessoal, se fôr composto de profissionais competentes e devotados à pesquisa científica.

Lembro, assim, novamente, o problema da formação do geógrafo. As Faculdades de Filosofia darão a base, mas as novas secções não poderão prescindir da orientação, durante um prazo mais ou menos longo, de geógrafos experimentados, que possam guiar, sobretudo nos trabalhos de campo, aquêles que se iniciam na prática da difícil ciência geográfica.

Tais guias são ainda muito poucos numerosos em nosso país. Não nos esqueçamos que o 1.º curso de Geografia em nível universitário foi criado em 1934, na Universidade de São Paulo, seguido pelo da Universidade do Distrito Federal no ano subsequente. E' assim muito recente a formação de centros de estudos geográficos em nível superior. Ao passo que nos meios europeus existe já uma tradição de tais estudos, com mais de um século.

O Conselho Nacional de Geografia é ainda, no mundo, o único instituto oficial de pesquisas geográficas. Nêle se realiza uma grande experiência, que é seguida com o maior interêsse pelos centros de estudos geográficos, não só do Brasil, como de outros países.

Estamos certos de que não os desapontaremos".

Novos consultores técnicos do C. N. G.

A X Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, realizada em setembro corrente, elegeu para o quadro de consultores técnicos do C.N.G. nas vagas deixadas pelos Drs. RODOLFO GARCIA, MÁRIO SARAIVA e JOÃO FILIPE PEREIRA, falecidos última-

mente, os professôres AGNELO BITTENCOURT, secção III — Bibliografia Geográfica; JOSÉ SETZER, secção XVII — Geografia Pedológica e Agrológica, e HILGARD O. STERNBERG, secção XXVII — Geografia das Calamidades, ficando assim completo o quadro que consta de quarenta consultores.